

# Violência e transgressão: uma trajetória da Humanidade

**Francisco de Oliveira, Maria de Fátima  
Silva, Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa  
(coord.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**DIONISO E IRA UNIDOS NUM CRIME**  
**A SUBVERSÃO DA *ARETE* DE ALEXANDRE MAGNO**  
(Dionysus and hate united for a crime. Subversion of Alexander the Great's  
*arete*)

RENAN MARQUES LIPAROTTI<sup>1</sup>

**RESUMO:** Investigaremos um episódio da Vida que Plutarco dedicou a Alexandre, obra em que delinea o perfil de homens de relata como estes cultivam suas virtudes. O homicídio de Clito marcou o ponto de subversão da carreira bem sucedida do grande conquistador macedônio. Tendo sido um gesto de violência imponderada, não há dúvida de que se trate de um crime. Mas a quem imputá-lo? A partir daí, Plutarco descreve a decadência de Alexandre, e sua queda daquele desenho exitoso a uma imagem antagônica àquela de glória, seguindo de algum modo a tradição de Heródoto.

**PALAVRAS CHAVE:** Alexandre, corrupção, decadência.

**ABSTRACT:** We look at the chapter of the Life that Plutarch dedicated to Alexander. In this book, he traces the outline of men of action and relates how they cultivated their virtues. The murder of Clito was the tipping point in the successful life of the great Macedonic commander. It was a violent act, so there is no doubt that it was a crime - but who was to blame? Thereupon, Plutarch describes the decadence of Alexander, and this fall from grace presents an image which contrasts with that former glory, in the tradition of Herodotus.

**KEY WORDS:** Alexander, corruption and decadence.

Gregos e Romanos confabularam primeiro sobre deuses e heróis imortais, em busca de respostas às perplexas questões que compõem a existência do homem. Paulatinamente começaram a surgir dúvidas e críticas às explicações míticas, ao que se contrapôs uma nova estrutura da vida coletiva e o interesse pelo próprio ser humano, que exigiu o ajuste de conceitos culturais de velha tradição e, ao mesmo tempo, a curiosidade pelos territórios e instituições estrangeiras e pela variedade humana. Assim, surge uma mentalidade fértil ao nascimento da escrita histórica e da biográfica.

Se, por um lado, a história em seu caminho de maturidade buscou subordinar a ficção mítica a um relato de eventos políticos e militares, por outro cresceu o interesse pela individualidade e pelo retrato de personagens ilustres de uma história mais recente, ainda que muitas vezes alinhados por uma convenção associada à vida dos heróis míticos e às estratégias narrativas que lhe deram forma. Após a historiografia clássica, a época helenística criou

---

<sup>1</sup> Mestrando em Mundo Antigo no Instituto de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

um gênero de ficção simbólica, para Plutarco (*Alex.* 1. 3) assimilável à arte dos pintores, que se fixam em detalhes do corpo, como o rosto e a expressão dos olhos, na produção de um retrato; toma dela, assim, o gosto por alguns episódios mais reveladores de virtude ou de vício, um dito ou uma anedota, reconhecendo neles detalhes que podem ser mais significativos do que uma batalha para a compreensão da alma humana.

A biografia seria assim a narração de uma vida desde o nascimento até à morte, conforme nos sugere Momigliano<sup>2</sup>, numa definição genérica, mas que evita restrições formalistas para o que deva conter esse gênero literário. Há, entretanto, características que se foram delineando, como o movimento da parte para o todo, que implica na seletividade dos traços, das cores, dos gestos, dos temas que são impressos no retrato que se tenta em palavras desenhar. Desenvolve-se, então, um realismo de detalhes que buscam evidenciar os motivos humanos mais sutis, que muitas vezes provêm da adolescência, quando se dá a formação do indivíduo.

Se se trata de um rei ou político, há uma aproximação inevitável da biografia com a própria história política, pois que na noção helênica de *bios* inclui-se a *vida social* e, dessa forma, esta se torna fonte de interpretação histórica. Não há, entretanto, entre os biografistas uma regra prelata, como se tem afirmado a propósito de historiadores como Heródoto e Tucídides, de sempre alertar o leitor quando se trata de fontes cuja verdade seja duvidosa<sup>3</sup>. Mesmo entre estes, todavia, nem sempre se verificou o cumprimento de um princípio estrito de veracidade ou imparcialidade, o que permitiu associar aos fatos opiniões e interpretações.

É preciso salientar, por fim, que a biografia parece dispor de maior liberdade em relação a essa busca pela verdade. Há biografistas, por exemplo, que são *encomiastas* e, por isso, objetivam exaltar determinada personalidade. Afora isso, a narração sobre a vida de deuses e heróis influenciou a dos homens, de modo que fato e ficção, por vezes, se puderam misturar, valorando a criação estética e uma interpretação simbólica da história, em que *logos* e *mythos* estão complexamente intrincados.

Neste estudo, deter-nos-emos em um episódio da *Vida* que Plutarco dedicou a Alexandre. Este autor busca delinear o perfil de homens de ação por meio da narração de eventos em que estes adquirem ou exercem suas virtudes. Buscaremos, portanto, retirar deste desenho valorativo elementos que nos permitam entender o episódio célebre de violência cometido pelo rei contra um companheiro em pleno banquete, homicídio que marcou o ponto de subversão da carreira bem sucedida do grande conquistador macedônio. Não tendo esta

---

<sup>2</sup> Momigliano 1993.

<sup>3</sup> Idem, 109.

morte resultado nem de uma condenação em julgamento nem de uma batalha, mas de um gesto de violência imponderada, não há dúvida de que se trate de um crime. Mas a quem imputá-lo? Quais fronteiras teriam sido ultrapassadas? Que consequências podemos dele extrair?

Se perpassarmos as páginas da *Vida de Alexandre*, vemos se delinear, em etapas sucessivas, o caráter de um líder paradigmático, nos seus méritos e em algumas fraquezas. Apesar de primeiro o caracterizar como grande bebedor e de espírito colérico, Plutarco concede na maioria de sua narração que foi o autocontrole uma de suas características mais marcantes, pois não cedia com facilidade aos prazeres dos sentidos, mas buscava sempre encontrar formas de moderação.

O gênio de Alexandre desde cedo impressionou. Tanto no episódio da visita de embaixadores à Macedônia na ausência de Filipe, em que a atuação de Alexandre foi surpreendente (*Alex.* 5. 1-3), como na dominação do cavalo Bucéfalo (*Alex.* 6. 1-8) não empreendida por mais ninguém, mostrou-se determinado, capaz de grandes projetos por seu caráter obstinado e, principalmente, por ser um grande estrategista. Apesar disso, não agia soberbamente, mas, pelo contrário, acedia, pela razão, facilmente ao cumprimento do dever. Era, portanto, adepto do convencimento como arma e não da imposição. Afora isso, desde cedo percebeu ser o medo o principal limitador de grandes feitos e, por isso, travou com este uma luta perpétua.

Mas sobretudo demonstrou inata capacidade militar. Aos 16 anos (*Alex.* 9. 1-3), ficou por um período como regente na ausência de Filipe e tratou de apaziguar uma rebelião dos Medos, tomando-lhes a cidade e transformando-a em Alexandrópolis. Além disso, esteve na batalha de Queroneia e diz-se ter sido o primeiro a derrotar o famoso Batalhão Sagrado dos Tebanos. Competente guerreiro a que associava uma liderança firme, foi capaz, quando assumiu o reino da Babilônia aos vinte anos (*Alex.* 11. 1-6), de enfrentar cada uma das rebeliões e dificuldades deixadas por Filipe que ampliara o reino, mas não o pacificara. Com determinação e ousadia, Alexandre tentou primeiro negociar soluções pacíficas, mas quando foi preciso, mostrou-se impiedoso na batalha, pois acreditava na importância de nunca dar sinal de quebra de autoridade.

Para a manutenção dessa autoridade, não hesitava em utilizar o medo como arma, estabelecendo punições severas e exemplares: a punição dos cúmplices da conspiração contra Filipe (*Alex.* 10.8), a famosa batalha contra Tebas, em que a cidade foi tomada, arrasada e totalmente destruída, para deixar “os helenos aterrorizados com tal exemplo” (*Alex.* 11.11)<sup>4</sup>. Essa mesma estratégia de liderança se repetirá, dominado o território persa, na chacina da população

---

<sup>4</sup> Os trechos da *Vida de Alexandre* citados neste estudo são extraídos da tradução de Maria de Fátima Silva (no prelo).

das cidades reais de Persépolis e Pasárgadas (*Alex.* 37.3) que resistiam em se render. Essa estratégia, entretanto, foi muitas vezes fonte de excessos do rei, como aconteceu com a violência e humilhação exercidas durante a batalha de Tebas. Entretanto, esse episódio tornou-se alvo de arrependimento e, por isso, Alexandre passou a dar um tratamento diferenciado aos vencidos. Poupa os sacerdotes, os que tinham com os macedônios vínculos de hospitalidade, os descendentes de Píndaro, os que votaram contra a revolta tebana, perdoa Timocéia (cf. *Alex.* 12.1-6, *Moralia* 259d-260d), uma mulher que mostrou sua virtude ao resistir tranquila e segura, mesmo vítima de humilhação e sob ameaça de morte, e permite a Atenas que recebesse os tebanos que buscavam refúgio.

O exemplo mais virtuoso que deu no tratamento de vencidos foi o que Alexandre aplicou à mãe, à mulher e às duas filhas de Dario (*Alex.* 21.1-7, 30.1-14), capturadas e feitas prisioneiras. O que mostra que, apesar de utilizar o medo como arma, foi também humano no exercício da liderança. Assim, além de fazer questão de que as cativas soubessem que Dario não havia morrido, desfazendo um falso temor, permitiu que elas dessem sepultura a todos os Persas que entendessem e, principalmente, que continuassem gozando das mesmas regalias de antes, sob proteção, numa espécie de templo sagrado e inviolável onde nunca pudessem sofrer a menor ofensa.

A este tratamento de enorme humanidade, seguiu-se a concessão de uma sepultura digna à rainha Estatira, esposa de Dario. A propósito ficou célebre a frase do eunuco Tiro que, tendo fugido do acampamento grego para anunciar a Dario a ocorrência, **narrando ter sido ela acompanhada de todas as homenagens possíveis**, proclamou: “Alexandre é tão gentil depois da vitória quanto terrível no campo de batalha” (*Alex.* 30.6). O que garantiu (*Alex.* 43. 3-4) o reconhecimento de Dario e o agradecimento antes de expirar.

Tais atitudes refletem sua sólida formação filosófica e moral, por que foi em boa parte responsável o mestre Aristóteles, com quem aprendeu teorias éticas, políticas assim como se beneficiou de ensinamentos mais restritos e específicos. Alexandre, como defende o próprio Plutarco na outra obra que dedica a este rei, *Sobre a Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*, tornou-se um filósofo prático (*Moralia* 328B – 333C), que buscava durante a vida, as batalhas, os planos de ação incentivar seus companheiros para a luta, contra o medo e contra a morte. Interessava-se pela medicina, principalmente porque podia socorrer seus companheiros quando doentes, prescrevendo-lhes tratamentos e regimes (*Alex.* 41.7), num ideal de sempre ajudar o grupo e, assim, adquirir deste a confiança e a união.

Em relação a seus “companheiros” (ἑταῖροι, círculo restrito dos homens mais próximos ao rei), antes de começar a campanha contra a Pérsia, fez questão de oferecer a cada um deles terras ou riquezas, com o objetivo de incentivá-los

a conjuntamente lutar. Disso resultou que os bens da coroa fossem quase todos distribuídos, com o que Alexandre não se preocupou, pois não queria consigo mais que suas próprias esperanças. A esse exemplo, muitos devolveram as riquezas prometidas pelo rei e traçaram um pacto de fidelidade e coletividade com que se iniciou a campanha (*Alex.* 15.3-7). Esse mesmo espírito de doação se manteve durante a campanha, por exemplo, logo a seguir à vitória próxima ao rio Granico, quando Alexandre enviou escudos do saque aos atenienses e riquezas à mãe na Macedônia; e depois da batalha de Isso, em que permitiu ao seu exército usufruir das riquezas, abstendo-se ele próprio delas.

Durante grande parte de sua vida, Alexandre respeitou e valorizou as decisões democraticamente tomadas em conselho. Além de atribuir peso significativo à opinião dos aliados, dos deuses, privilegiou a dos seus amigos mais íntimos. Foi, por exemplo, em Corinto, que se decidiu por votação que se faria uma campanha contra a Pérsia tendo-o como líder (*Alex.* 14. 1), para consumir um projeto de vingança.

Este conflito tivera início em 513 a. C., quando Dario ultrapassou o Helesponto e, mesmo com a vitória ateniense em Maratona, perdeu-se com o ataque de Xerxes, colocou em perigo a liberdade grega. Toda a Grécia, então, uniu-se e conseguiu, ao fim, com muito esforço, vencer a batalha de Salamina em 480 a. C. Esses episódios, retratados na literatura grega antiga como hoje a conhecemos, de forma mais direta pelos *Persas* de Ésquilo e pelas *Histórias* de Heródoto, despoletaram a rivalidade entre esses dois povos. Atacar a Pérsia por meio de Alexandre seria para os Gregos uma oportunidade de vingança e de trazer ao paladar o gosto do orgulho e de honra.

Adentrando essa campanha, somam-se sucessos. É mister, no entanto, compreender quais foram as condições dessas vitórias. Já na primeira batalha, que ocorreu na passagem do rio Granico, apesar das dificuldades naturais e climáticas, pois chegaram de noite e a corrente tinha profundidade capaz de cobrir o exército ao que se somavam margens escorregadias, Alexandre insistiu e atravessou, enfrentando corpo a corpo muitos que contra ele investiram. Mesmo atingido por um dardo, não ficou ferido e resistiu aos dois comandantes persas, Resaces e Espitridates que simultaneamente contra ele se confrontaram. Dessa batalha só saiu ileso com a ajuda de Clito, “o Negro”, comandante da cavalaria e pertencente aos “companheiros”, que o salvou num momento crítico. Como também Alexandre muitas vezes arriscou sua vida pelos companheiros, batalhando na linha de frente ou, como na campanha contra os Árabes, para não deixar Lisímaco, que cedia ao cansaço e à fadiga, sozinho, se arriscou passando uma noite escura e fria distante do exército (*Alex.* 24.10-14).

Torna-se visível uma integração desse exército, oriunda de uma liderança harmônica e da amizade existente entre eles. Essa mesma coesão é corroborada,

na batalha de Gaugamelos, em setembro de 331 a. C., pela diferença de tratamento dos dois líderes, pois Alexandre, durante a noite que antecedeu a batalha, confiava nos seus homens e os deixou dormir e descansar, enquanto Dario manteve as suas forças mobilizadas e passou-lhes revista à luz dos archotes (*Alex.* 31.8). São pequenos detalhes, mas que movem o espírito dos que com ele batalhavam. Além disso, era contagiante a frieza calculista e a determinação com que o rei enfrentava grandes desafios (*Alex.* 32.1-4).

É nessa batalha que Alexandre e seus companheiros alcançarão, apesar da desvantagem numérica, uma *aristeia* épica, valendo-se principalmente de uma eficaz estratégia e de coragem desmedida. Com ela o Macedônio foi proclamado rei da Ásia (*Alex.* 24.1) e se apossou de incontáveis tesouros persas, os quais imediatamente distribuiu pela Grécia, obedecendo a critérios de *philia*, ou seja, reconhecendo povos e nomes que foram fundamentais naquele momento ou em momentos anteriores, pois que haviam lutado juntamente com os gregos pela liberdade, como os Plateenses e o povo de Crotona, na Itália, e o crotoniata Failo pelo auxílio prestado na batalha de Salamina. Percebe-se que o rei não só cumpre primeiramente o objetivo grego de conquistar a Pérsia e realizar a vingança – simbolizada no derrube da estátua de Xerxes (*Alex.* 37.7) e na ocupação do trono de Dario (*Alex.* 37.7) –, como também o de adquirir glória e abolir as tiranias, implantando a liberdade, ideal que era por ele defendido.

Além da união destacada das tropas, é importante ressaltar uma condição *sine qua non* do sucesso, o autodomínio. O qual – na opinião do próprio Alexandre – era uma qualidade superior à capacidade de vencer os inimigos. Ele próprio nos dá, em sua vida (*Alex.* 21. 7-9), exemplos à altura do comportamento exigível à dignidade de um rei, moderando-se tanto nos hábitos como nos comportamentos. Mesmo admirando nas mulheres persas a beleza, cruzava com elas “como se fossem meras estátuas sem vida” (*Alex.* 21.11), mantendo-se sóbrio e sensato (*Alex.* 21. 11) além de praticar igual austeridade na alimentação (*Alex.* 22. 7). Preferia, portanto, uma alimentação simples a petiscos e guloseimas, possivelmente resquício de Leônidas que o educara a evitar quaisquer peças supérfluas ou luxuosas (*Alex.* 22.10). Temperava-se também no vinho (23. 1-2), tagarelando muito mais que bebendo nos banquetes. E, por fim, buscava nos jantares que oferecia evitar quaisquer desequilíbrios ou faltas (*Alex.* 23 5-6).

Entretanto, essa moderação começou a sofrer alguns golpes após as vitórias nas batalhas de Gaugamelos e Susa, que garantiram a Alexandre a conquista do trono da Pérsia. Talvez consequência da própria vitória, os homens queriam um descanso recompensador e sem tantos sacrifícios. Também por causa do inverno, entre fevereiro e maio de 330 a. C., permaneceram em Susa, onde alguns episódios reveladores de excesso e corrupção se deram; assim o banquete em que, devido ao exaltar de ânimos temperados em vinho e cortesãs, se acabou por quase pôr fogo à mansão de Xerxes, o que seria um ato simbólico

de vingança, mas aquém dos objetivos do rei e sem dúvida um excesso, tanto que este rapidamente caiu em si e se arrependeu, ordenando que se apagasse o fogo (*Alex.* 38. 1-8).

Afora isso, Alexandre, muito generoso, distribuiu riquezas, presentes e prêmios a muitos dos seus soldados. Estes, entretanto, paulatinamente, começaram a se acostumar à vida luxuriosa garantida pelas riquezas persas. A frugalidade, fundamental para o bom andamento dos combates, fora substituída por uma mudança radical de hábitos e de atitude. Segundo Plutarco (*Alex.* 24. 3): ‘A partir de então eram como cães, mal lhe farejavam o rasto, a perseguir e a abocanhar a riqueza persa’. E, por mais que o rei os repreendesse e desse o exemplo do contrário, pois continuava para si arrogando o mínimo possível de bens, esta foi-se tornando uma questão de difícil gestão. Pois a corrupção do luxo faz os homens se sentirem bem apenas no seu gozo e, principalmente, na inatividade (*Alex.* 41.1), o que era absolutamente incompatível com guerreiros.

Alexandre, entretanto, ainda conseguia, devido ao seu exemplo, incentivar seus companheiros e administrar a situação. Ei-lo, por exemplo, disposto a ceder a água que ofereciam à sua prioridade de soberano, em favor dos seus homens igualmente sequiosos, atitude que encheu os ânimos dos soldados de determinação (*Alex.* 42.7-10).

Todos esses episódios caracterizam e sintetizam o desenho moral que Plutarco dá de Alexandre, para o conduzir ao auge da sua carreira. Tem-se assim como seus traços essenciais: um gênio determinado, obstinado, capaz pela estratégia e pela razão de grandes projetos, sem recorrer à soberba. Consciente de seu dever, exerce diariamente uma luta contra o medo, apesar de ser por ele que acredita possível a liderança, pois os homens devem seguir os bons exemplos e terrorizar os maus. Foi, por isso, impiedoso nas batalhas e áspero nas punições, cometendo por vezes, como em Tebas, excessos. Exercitava, todavia, a moderação e o autocontrole como características intrínsecas a um rei, assim com os pressupostos da filosofia - valorizar a amizade, a virtude humana e as opiniões alheias, defendendo ser possível, pela união do grupo, conquistar os objetivos almejados. E o fez, excelentemente.

O sucesso, contudo, é temporário. Após conquistar o trono asiático, Alexandre continua sua campanha adentrando regiões como a Hircânia e, logo depois, a Pártia. É aqui que Alexandre começou a praticar uma política diferenciada no tratamento dos bárbaros. Ao contrário do que Aristóteles, segundo Plutarco (*Moralia* 329B), o aconselhara a fazer - “que aos gregos, por um lado, como líder e aos bárbaros, de outro, como tirano tratasse, daqueles como amigos e parentes cuidasse, a estes, todavia, como a animais e a plantas se dirigisse” -, que condizia com a forma de pensar de muitos dos seus soldados e companheiros (*Alex.* 33.1), Alexandre “vestiu pela primeira vez o traje bárbaro” (τὴν βαρβαρικὴν στολήν, *Alex.* 45. 1).



Perante os Gregos, justifica esta política por dois argumentos: um de ordem política, de que, para manter, na sua ausência, a estabilidade de tamanho império baseada na harmonia, seria mais aconselhável a fusão e a confluência do que a força; outro de ordem ideológica, pela necessidade de liberar diversos povos de regimes tirânicos, de apresentá-los à língua e à cultura grega e, assim, expandir os horizontes do mundo helênico<sup>5</sup>.

Vestir o traje bárbaro é exemplo dessa política. Alexandre, porém (*Alex.* 45.2), “nunca aceitou o famoso modelo de traje medo, que para ele era completamente bárbaro e estranho; nunca usou calças, nem túnica de mangas, nem tiara”; tentou adotar, portanto, um padrão intermediário que, mesmo assim, quando publicamente exibido, era lido pelos macedônios como ofensa. Algumas atitudes precisavam ser tomadas para reintegrar as tropas. O rei propôs então um teste de fidelidade (*Alex.* 47. 1-4), pois acreditava que, se a campanha se interrompesse naquele momento, iria representar apenas uma conquista temporária e que, possivelmente, viria a ser vingada. Se, pelo contrário, continuasse a investida contra o mundo conhecido (ἡ οἰκουμένη), poderia realmente subordiná-lo a um império harmônico.

Por não interromper essa política de fusão<sup>6</sup>, a resistência contra essas políticas por parte dos macedônios paulatinamente crescia e tornava a governabilidade da campanha, que Alexandre insistia em continuar, mais difícil, principalmente por dois motivos. Primeiro porque, para realizá-las, Alexandre estendeu a sua generosidade aos persas, distribuindo em muitas ocasiões riquezas - a maior recompensa que os soldados conseguiriam enxergar da campanha -, o que aumentou a quantidade de pessoas que circundavam o rei a fim de bajulá-lo. Outra é que essa política de fusão cultural não é oriunda de uma decisão consultiva, conforme, em Corinto, se planeava a campanha à Pérsia (*Alex.* 14.1), mas uma imposição. Assim, ao mesmo tempo em que se buscava estabilizar externamente o governo, internamente surgiam problemas cada vez maiores.

Essas divergências refletiram-se entre os seus amigos mais íntimos, Heféstion, que lhe aprovava a decisão e a seguia, e Crátero que se mantinha fiel

---

<sup>5</sup> Segundo Plutarco (*Moralia* 329 C-D): “Em um só corpo reuniu membros disseminados de todos os lugares, como se misturasse em um vaso de amizade a vida, os costumes, os casamentos e os modos de viver, ordenou todos que considerassem como própria pátria o mundo habitável, como fortaleza e protegido o acampamento, como congênitos aqueles que são bons, como estrangeiros os que são maus; os gregos e os bárbaros que não distinguem pelo manto, pelo escudo, pela espada ou pelo vestuário, mas que reconhecessem o helênico pela virtude e o bárbaro pelo vício; mas que comuns considerassem as roupas, os alimentos, os casamentos e os modos de vida, temperando através do sangue e dos filhos”.

<sup>6</sup> São exemplos segundo Plutarco (*Alex.* 47.6); “seleccionou 30.000 rapazes e deu instruções para que aprendessem o grego e a manejar as armas macedônias” e “desposou Roxana, atraído pela beleza e juventude da moça que viu dançar num banquete; mas tal casamento veio contribuir para os mesmos objectivos” (*Alex.* 47.7).

aos costumes pátrios. Percebendo isso, Alexandre passou a tentar contar com a ajuda de ambos, do primeiro para tratar com os bárbaros, do segundo com os gregos e macedônios. Assim costumava definir o rei a ambos: “Heféstion era um amigo de Alexandre e Crátero um amigo do rei” (*Alex.* 47. 10). Entretanto, por razões de ciúme em relação à simpatia régia (*Alex.* 47. 10-12), ambos começaram a ter conflitos chegando inclusive a pegar em armas, o que foi imediatamente reprimido.

Logo em seguida, surgiu o caso de Filotas (*Alex.* 48-49), em que por uma suspeita de conspiração, segundo Plutarco na verdade arquitetada por Limno, Alexandre tomou, numa assembleia de Macedônios, a decisão legítima mesmo que injusta, da execução de Filotas. Entretanto, Alexandre mandou que também se executasse o pai da sua vítima, Parménion (*Alex.* 49. 13), para se evitar ameaças. Este, porém, não fora objecto de nenhuma acusação e era um homem que muito somara ao reino de Filipe. Foi, portanto, um assassinato apenas com efeito de exemplo a ser temido por todos os seus homens.

É aqui que Plutarco insere um episódio particularmente significativo de um novo estado de espírito. Ao chegarem frutos tropicais da Grécia, Alexandre convida Clito a um banquete objetivando mostrar-lhos e reparti-los. No jantar, porém, recitavam-se versos cáusticos que criticavam a débil atuação de generais macedônios em uma recente batalha. O companheiro, que já bastante bebera e que detinha um temperamento azedo e impulsivo (ὄργην καὶ αὐθάδης), irritou-se e defendeu que não era correto, diante de bárbaros e inimigos, insultar os macedônios que lhes eram muito superiores; ao que acrescentou que a causa de tal insucesso foi a de uma má fortuna. O *agon* se estabelece logo em seguida quando Alexandre advoga que à má fortuna (δυστυχία) na verdade se deveria chamar covardia (δειλία). Foi então que em réplica Clito disse:

‘Mas foi essa minha covardia que te salvou a vida, a ti que te dizes filho de deuses, quando expuseste as costas à espada de Espitridates. Foi com sangue de Macedónios e com estas feridas que aqui vês que te tornaste quem és, a ponto de renegares Filipe e de te dizeres filho de Ámon’. (*Alex.* 50. 11).

Alexandre interroga-o se ele não se cansava de se locupletar por causa daquele episódio já antigo e se pensava ser impunemente que iria insubordinar os macedônios. Ao que Clito interpõe uma contestação à palavra “impunemente”, pois reclama que foi à custa de muito sofrimento que se concretizaram os feitos de Alexandre e que a retribuição que os seus mais leais companheiros recebiam era a de ver corrompida a liberdade, que sendo ele grego lhe era essencial. Inveja, portanto, os que antes morreram: “Felizes os que já morreram, antes de nos verem, a nós, Macedónios, espancados com bastões medos, e a termos de apelar a Persas para sermos recebidos pelo rei” (*Alex.* 51.2).

Era abertamente que o hóspede proclamava o seu protesto, usufruindo dessa mesma liberdade. Foi, entretanto, insultado pelos que cercavam Alexandre. O próprio rei soltou-lhe novo desafio, ao dizer a Xenódoco de Cárdia e Artêmio de Cólofon: “Não vos parece que os Gregos se passeiam entre os Macedônios que nem semideuses no meio de feras?”. Ao que Clito prontamente respondeu com um desafio a que ele tornasse públicas suas intenções em proferir tais palavras, ou então “não convidasse para a sua mesa homens livres, a quem assistia o direito de dizer o que pensavam; que vivesse entre bárbaros e escravos, que se curvassem diante do seu cinto persa e da túnica branca que usava” (*Alex.* 51.5).

Alexandre, irado, atira-lhe uma maçã e procura um punhal, que um dos guarda-costas se antecipou a tirar-lhe. Depois, apelou, em língua macedônica, a um reforço do corpo de guarda e ordenou ao trombeteiro que colocasse o acampamento em alerta. Enquanto isso, Clito que a muito custo fora retirado da sala por amigos, tentou voltar por outra porta recitando impertinentemente e em tom provocativo um verso da *Andrômaca* euripídiana (693): ‘Ai de mim! Que estranhos costumes os da Grécia!’ - palavras de Peleu, reivindicando ser injusto que as glórias caibam aos líderes e não aos guerreiros.

Talvez fossem justas as reivindicações, mas representaram a faísca à cólera explosiva de Alexandre. Assim, o pior desfecho acabou por acontecer:

Alexandre agarrou na espada de um dos guarda-costas, e quando Clito afastava o cortinado diante da porta e avançava para ele, trespassou-o. Ainda mal Clito caía com um gemido e um grito de dor, e já a fúria do rei desaparecia. Quando voltou a si e viu os amigos de pé, em silêncio, tirou a espada do cadáver e tê-la-ia espetado na própria garganta, se os guarda-costas, para o impedir, lhe não tivessem agarrado as mãos e levado à força para o quarto (*Alex.* 51. 9-11).

Deu-se, portanto, o assassinato. A tal ponto destemperada fora a ação, que o próprio Alexandre, ao retomar a consciência, tentou suicidar-se, numa primeira mostra de remorso. A partir daí, segundo o que Plutarco nos propõe, o rei entra num processo de arrependimento, lamentação e interiorização da culpa, em um luto que o afasta das atividades régias e do convívio com os seus homens. Compareceram, então, dois filósofos que tentaram animar Alexandre, justificando o ocorrido e eximindo-o da culpa que sentia.

Realiza-se, para tanto, um debate sobre o ocorrido e sobre o exercício do poder. Dois são, nessa causa, os que se destacam entre os convidados, Calístenes e Anaxarco<sup>7</sup>. O primeiro, ao pronunciar-se, faz questão de não condenar Alexandre pelo ato, mas usando circunlóquios e eufemismos, consegue acalmar

---

<sup>7</sup> Cf. *Alex.* 52.3

o rei, sem, todavia, o eximir da culpa, dado que se mantém prudentemente numa posição mediana. Anaxarco, por sua vez, foi bastante mais agressivo. Questionou frontalmente o rei, armado de uma filosofia autoritária (*Alex.* 52. 5-6):

‘Então é este o Alexandre em quem, hoje em dia, o mundo inteiro tem os olhos postos?! Pois ei-lo prostrado, a lamentar-se que nem um escravo, com medo da lei e das censuras da sociedade, para quem ele devia representar a própria lei e o critério de justiça - ou não conquistou ele o direito de dominar e de governar -, em vez de se submeter, como um criado, ao peso de opiniões sem senso?’ ‘Será que não sabes’ – prosseguiu – ‘que, ao lado de Zeus, se sentam a Justiça e a Lei, para garantir que todos os actos do senhor do universo sejam justos e legítimos?’

Desse modo, servindo-se de um ideal de Justiça arcaico - no qual esta se senta juntamente com Zeus (cf. S. *OC* 1380-1382) -, arrola a uma dimensão divina a responsabilidade do ocorrido e exime de culpa o homem Alexandre, o que foi bastante conveniente para o momento<sup>8</sup>. Trouxe, entretanto, como efeito que “lhe tornou o carácter, sob muitos aspectos, mais convencido e autoritário” (*χαυνότερον καὶ παρανομώτερον*, 52. 7), favorecendo uma trajetória de declínio, retratada em episódios sucessivos, de que faz parte este assassinato.

Plutarco nos fornece uma rica narração deste episódio, a partir da qual podemos praticamente ter sob os olhos a cena ocorrida. Neste desenho do crime, algumas características destacam-se: o vinho, os versos cáusticos, o temperamento azedo e impulsivo de Clito, discussão acalorada, acusação de insubordinação por Alexandre fazendo uso de sua autoridade, provocações, briga violenta, tentativa entre os amigos de apartá-los, retorno de Clito ao ambiente de convívio recitando um verso irônico, ímpeto intempestivo e assassinato. Por fim, arrependimento e culpabilização.

À influência do vinho pode-se associar a presença de Dioniso como um *kakodaimon*, um potencializador do excesso de Alexandre, de desmesura. Este estava presente nas festas da corte macedônia, desde sua infância, especialmente na figura de Filipe, um grande bebedor. Se confrontarmos com o desenho do rei, logo no início da *Vida* Plutarco o caracteriza como grande bebedor e de espírito colérico. Exercia, entretanto, constantemente o autodomínio e moderação em matéria de bebidas, comidas e sexo. Nas poucas vezes que não o fez, como o já referido episódio do quase incêndio do palácio de Xerxes, não

---

<sup>8</sup> Cabe ressaltar que essa dimensão já em Homero é contestada, pois se responsabiliza o homem pelos seus erros e, conseqüentemente, pelo seu destino. (*Od.* I. 32-33). Aqui, porém, é oportuno referenciar o ideal sofocliano, pois que se objetivava com o discurso eximir o rei de sua culpa e apascentar sua dor.

é raro ocorrer a perda de controle. Isto somado ao temperamento impulsivo inato de Clito não proporcionou boa mistura.

Em relação aos versos cáusticos, é preciso considerar que o ideal expressado por Aristóteles da superioridade helênica era compartilhado e nos é expresso pelo discurso de Clito, ao defender que não seria correto proferir insultos na presença de “bárbaros”, “inferiores”. Para Alexandre, entretanto, que defende que o que caracteriza um heleno é a virtude e não o sangue, se os generais não a demonstraram na referida batalha, mas sim covardia, eles podiam ser motivo de críticas. O critério de respeito ultrapassava a noção de etnia; sintetizava-se, portanto, na expressão das virtudes<sup>9</sup>.

São duas as ordens de argumento trazidas por Clito à discussão com Alexandre que merecem ser pormenorizadas, pois contribuem consideravelmente para o entendimento da situação: o estatuto de heleno e a *philia* relacionada à *xenia*. Logo que começaram a discutir, Alexandre acusa Clito de insubordinação. Este, portanto, reclama ser essa uma atitude tirânica, pois ia contra o direito mais fundamental do modelo democrático grego, o da liberdade de expressão. Uma opinião contrária ao rei era caracterizada como contrária aos macedônios, digna de punição, não advinda de um julgamento em assembleia, mas da simples vontade de um tirano. Segundo esta afirmação, Alexandre, mesmo sendo rei, estaria cruzando as fronteiras da *dike* (justiça dos homens) e da *politeia* (conjunto de leis que visava restabelecer a constituição dos ancestrais), que refletiam uma sociedade habituada a viver em liberdade, num regime democrático que não se adequava à tirania.

Clito, por isso, expressa uma sentença na qual inveja os que antes morreram: “se é essa a paga que tiramos do que sofremos! Felizes os que já morreram, antes de nos verem, a nós, Macedônios, espancados com bastões medos, e a termos de apelar a Persas para sermos recebidos pelo rei” (*Alex.* 51.2). Cáustica e simbólica, esta afirmação nodal caracteriza-se como o antípoda de Demarato de Corinto, um amigo da corte de Pela, que “declarou que tinham sido privados de uma enorme alegria os Gregos mortos antes de verem Alexandre sentado no trono de Dario” (*Alex.* 37.7). Disso depende-se também a relevância do episódio na trajetória narrativa de Plutarco. Se na ocasião daquele pronunciamento se vivia o clímax, ou seja, o ponto mais afortunado da vida, agora se somam indícios de um inevitável declínio.

A este cenário de restrição da liberdade soma-se o desconforto dos gregos em relação ao ritual da vênica, que Clito deixa transparecer na queixa “que não convidasse para a sua mesa homens livres, a quem assistia o direito de dizer o que pensavam; que vivesse entre bárbaros e escravos, que se curvassem diante do seu cinto persa e da túnica branca que usava” (*Alex.* 31.5), em que contrapõe

---

<sup>9</sup> Cf. *Moralia* 329 C-D supra.

ao grego, homem livre, a figura do bárbaro, escravo que pratica a *proskynesis*, reverência ao rei.

Este ritual de vênia, inconcebível a um grego, que só aceitava se curvar aos deuses começou a ser aceito por Alexandre também na Pártia (*Alex.* 45.1), juntamente com as demais políticas de fusão cultural. Na cultura persa, todavia, a prostração representava respeito a um soberano superior, no caso o rei. Se proibisse a prática, abdicaria de seu ascendente de rei dos persas; mantê-la e, principalmente exigi-la, aos gregos era intolerável. Procurou temperar os ânimos incentivando aqueles que o quisessem praticar. Entretanto, por si só, a coexistência de um hábito tão hostil ao homem digno, segundo os gregos, criava um clima de hostilidade contra a política de fusão cuja voz se representa por Clito.

Desse modo, no momento que Alexandre convida Clito para o banquete, ele o aceita como seu hóspede que, sendo um homem livre, deve ser assim tratado, mesmo diante das diferenças de pensamento e de temperamento. Caberia ao anfitrião, portanto, em especial a um rei, temperar os ânimos e administrar a situação.

É aqui que se insere o segundo argumento colocado por Clito é o da *philia*, um valor fundamental à cultura grega. Evoca, portanto, não apenas um ato de amizade, mas de coragem e fidelidade ocorrido outrora, para mostrar que esses a que Alexandre denominava covardes não o eram, prova foi que se arriscando um desses macedônios lhe salvou a vida. Reclama ao rei que reconheça o passado dando-lhe as devidas honras e não aja em desacordo com esse valor fundamental grego.

Homero nos dá um belo exemplo na fala de Diomedes a Glauco (*Il.* 6.212-215; 226-36)<sup>10</sup>, o pastor dos povos, em que defende que deveriam largar as armas, apertar as mãos e trocar as armas em sinal de lealdade que fora adquirida outrora quando os maiores (parentes de gerações anteriores) estabeleceram relações de hospitalidade (*xênia*) e, portanto, de amizade (*philia*).

Como pudemos perceber no relato de Plutarco, e por isso insistimos em valorizar com diversos exemplos essa característica, Alexandre tinha com os seus companheiros uma relação de amizade com a qual constantemente se preocupava, e tal modo manteve essa ligação fortalecida que ela se refletiu nos resultados das batalhas. Afora isso, há outros episódios nesta biografia dos quais se pode depreender que o rei foi um *cultor* da *philia*, como o da dor experimentada pela morte de Heféstion, um companheiro dilecto e os sacrifícios feitos em sua homenagem (*Alex.* 72. 2-5), semelhantes aos que Aquiles dedicou a Pátroclo (*Il.* 23. 175 sqq.); ou ainda a completa confiança do rei numa demonstração de autêntica amizade a Filipe de Arcânia, que fora o

<sup>10</sup> De inumeráveis exemplos destacamos *Od.* 4. 65-75.

único médico que se arriscou a tentar salvá-lo quando gravemente padecia de uma doença desconhecida (*Alex.* 19.4), pois apesar de receber uma denúncia de conspiração, Alexandre bebe, sem hesitação, o medicamento que o amigo lhe oferecia; cena esta reverenciada por Plutarco como possuidora de algo de ‘fantástico e teatral’ (*Alex.* 19. 7).

Voltando ao episódio de Clito, há nele sinais do exercício deste valor; Alexandre convida o amigo para com ele compartilhar os frutos recém-chegados da Grécia; e quando o hóspede chega, seguido por três carneiros que destinava ao sacrifício, o rei, para contrariar os sinais de mau presságio, aconselhado por seus adivinhos toma medidas apotropaicas.

Entretanto, daquele processo de paulatina corrupção que começou a acontecer principalmente após a tomada de Susa, devido ao poder e a riqueza, nem mesmo a *philia* saiu intacta. Pois, no momento que o desejo do luxo se sobrepôs à austeridade e as admoestações ao rei se tornaram corriqueiras, este começou a ter cada vez mais dificuldade em gerir a situação e controlar os ânimos. De modo que, apesar de continuar dando o exemplo de recusa aos excessos, o descontrole persistia e tornava-se patente uma perda de autoridade que foi alvo de críticas (*Alex.* 41. 1-2, 42).

Esse quadro de contestação ou indisciplina, contrário ao de sucesso que o acompanhou até à conquista de Susa - em que se destacava a união da tropa, a liderança pelo exemplo de Alexandre e, principalmente, a temperança -, deu lugar à exasperação colérica a que o rei passou a ser mais susceptível, produzindo uma combinação perigosa.

Há ainda a possibilidade, por alguns elementos, de inferir uma interpretação simbólica de caráter divino do crime, como que compondo um episódio tipicamente trágico. Segundo Plutarco (*Alex.* 13. 3-4), tendo sido Tebas, cidade consagrada de Dioniso, violentamente atacada, “o assassinato de Clito, que Alexandre cometeu sob o efeito do vinho, e a recusa cobarde dos Macedônios sob seu comando em o seguir no ataque aos Indus, (...) atribuiu-os à cólera e à vingança de Dioniso”. Ademais, somam-se pistas no relato de Plutarco que indicam a ação de uma mão divina, um *daimon* (*Alex.* 50.2) “Mas se se tiver em consideração juntamente a causa e as circunstâncias, percebemos que ele ocorreu não por vontade deliberada do rei, mas por um infeliz acaso; foi a fúria e a embriaguez de Alexandre o que abriu uma oportunidade à má sorte de Clito”. Se considerarmos ainda que muitos amigos tentaram deter tanto Alexandre como Clito - que um elemento da guarda tomou do rei antecipadamente o punhal, o trombeteiro o desobedeceu e não quis colocar o acampamento em alerta -, fica patente que, mesmo com todos esses esforços, não cabia ao elemento humano evitar o que estava traçado.

Dioniso, como *kakodaimon*, torna-se, portanto, símbolo da fraqueza de Alexandre e de sua decadência. Sobrepõe-se, neste episódio, à figura de Aquiles que foi no decorrer da narração de Plutarco utilizada como ideal ao qual se

comparavam as virtudes. É, porém, interessante se considerar, baseando-nos no que defende Mossman (1992, 98)<sup>11</sup>, que o próprio Aquiles de Homero, apesar de ser um herói épico, tinha potencialidades trágicas em seu caráter, já que nem sempre era capaz de controlar sua cólera. Assim, este autor aponta para uma ligação bastante intrincada entre a épica e a tragédia, que é bem explorada por Plutarco, inclusive estruturalmente, pois coloca na boca de Clito a citação da *Andrômaca* euripídiana (693). Com essa citação acentuam-se as cores humanas de um trágico desfecho, contrapondo-o com o ideal de justiça da vítima deste inevitável destino. Logo depois, ocorre o arrependimento de Alexandre, mas tardio. Em sua cólera e destempero, já expusera sua vulnerabilidade, especificamente uma de suas fraquezas que desde infante fora conhecida<sup>12</sup>, até ali, todavia, de maneira geral habilmente controlada.

Aqui ainda poderia acontecer um real arrependimento, que indicaria a busca de Alexandre por entender seu erro e modificar suas atitudes. O que talvez acontecesse se não fosse a influência da referida filosofia autoritária de Anaxarco, que arrola a uma dimensão divina a responsabilidade do ocorrido e exime de culpa o homem, tornando-o mais convencido e autoritário, vítima trágica de sua própria cegueira.

Delinea-se assim um desenho antagônico de Alexandre, ou seja, um desenho de decadência. Nele, o rei é retratado como incapaz de por si só enxergar os fatos pela razão, mas dependente de alguém para se destituir da culpa, autoritário, soberbo, não digno da confiança, pois que não é mais capaz de se temperar e de ser justo, especialmente pela ação ter sido contra alguém com quem se ligava por uma relação de amizade. Além disso, na sua luta contra o medo, dá sinais de significativa fraqueza, começando a perder a obstinação e, conseqüentemente, a não ter mais tão claros os seus objetivos.

Como humano que o é, excedeu-se e, no exercício do poder delongado, corrompeu-se deixando de ter um objetivo bem definido, passando a comandar uma campanha que mais se parecia com uma errância. Talvez tenha contribuído para isso o contato com a luxúria e o iniciar de uma vida menos regrada, ou talvez tenha simplesmente cumprido o ciclo que, desde a tradição herodotiana<sup>13</sup> todo líder sofre, o de após o apogeu, decair.

---

<sup>11</sup> Mossman 1992: 90-108.

<sup>12</sup> Cf. *Alex.* 9.7-14, episódio em que Alexandre se excedeu e confrontou o pai, bebido, nas bodas dele com Cleópatra.

<sup>13</sup> Essa tradição, conhecida por curva da vida, é defendida por Immerwahr 1986: 76. Nela se desenha uma lição moral e a mudança brusca da Fortuna que Heródoto, em muitas histórias, retratou, de acordo com as seguintes linhas: A origem de um rei (como nasceu ou como chegou ao poder); o início do reino até atingir o auge (parte geralmente breve); o restante reinado, de tamanho variável, e o declínio ou a destruição. Interessante é que a fortuna retratada não só implica a mudança da vida de um indivíduo, mas quando se trata de um líder, muitas vezes, também na de uma nação.



Na obra de Plutarco, percebemos que existiram alguns elementos atribuíveis à fortuna, mas como ele mesmo escreve na obra anterior sobre Alexandre, *Sobre a Fortuna ou a Excelência de Alexandre Magno*, o peso de suas ações determinou sua vida, os seus acertos e os seus erros. Como em Heródoto, também em Plutarco os últimos episódios da vida formam o desenho de uma decadência. A esse ainda se somam alguns episódios importantes, como os últimos combates na campanha indiana.

O combate contra Poro, junto ao Hidaspes, por exemplo, o ponto mais alto desta última campanha, teve consequências talvez atribuíveis à fortuna, como a morte do Bucéfalo, o cavalo companheiro e amigo inseparável de Alexandre (*Alex.* 61. 1-2); mas foi também decisivo o desanimar dos homens, já há demasiado tempo em campanha, que tomaram consciência das dificuldades, entre outras as proporcionadas pelas barreiras naturais. De modo que, pela primeira vez, houve uma oposição radical quanto à continuação da campanha para além do Ganges (*Alex.* 62. 1), a próxima barreira a vencer, obrigando o rei a desistir.

Por fim, nem um quarto dos efetivos regressou da Índia, como se falhou também na continuação da política de fusão cultural, talvez pela falta de uma administração centralizada conforme Calano advertira. Talvez também este projeto fosse um ideal de Alexandre por poucos partilhado, de modo que, apesar de ter mudado a dimensão de mundo, sozinho, houve um limite.

Se avançarmos no tempo, na travessia da Carmânia (*Alex.* 67), já num movimento de retorno das tropas de Alexandre, segundo Silva (*idem*), “escudos, elmos e lanças são substituídos por taças, copos e vasos; neste cortejo, onde ao vinho abundante se juntaram os brados orgiásticos e os gracejos obscenos, não deixou de se perceber a profunda semelhança com o *komos* dionisíaco”, numa cena de simbólica decadência. Esta acabou por se reafirmar, por exemplo, no concurso de bebida que Alexandre promoveu, em que muitos homens pereceram em uma morte inglória (*Alex.* 70.1-2). Trava-se uma batalha, então, entre o vinho e a *arete* de Alexandre, que o faz demitir sua *sophrosyne* e com ela a própria vida. A Alexandre sobreveio uma febre pela qual Dioniso em poucos dias lhe tiraria a vida de maneira pouco gloriosa (*Alex.* 75.4-6). Dioniso é, assim, seu maior vilão, o símbolo de sua fraqueza e decadência. É a figura contraposta, portanto, da de Aquiles, associadora de virtudes.

Desse modo, colocou-se um fim ao sonho que era demasiadamente grande para uma vida e, assim como Aquiles que por maior que tenha sido padeceu antes de vencida a Guerra de Tróia e foi ao Hades eterno da História, Alexandre antes de desbravar o mundo foi convocado pelos deuses para com eles versar. A nós deixou além de sua fama, o início de um mundo de novas

formas, pois, conforme defende Leão (2009, 17)<sup>14</sup>, na era helenística, a que se sucedeu à morte do rei, o homem deverá entender “o mundo inteiro como a sua cidade, ou seja, afirmando-se como um *kosmopolites* ou ‘cidadão do mundo’”, onde as fronteiras tornaram-se líquidas e em que o homem passou a mover-se mais livremente, seguro apenas pelos pés e não por raízes geográficas por vezes redutoras de sua condição.

---

<sup>14</sup> Leão 2009: 157-174.

## BIBLIOGRAFIA

- H. R. Immerwahr (1986), *Form and thought in Herodotus*. Cleveland: Scholars Press.
- D. F. Leão (2009), “Do *polites* ao *kosmopolites*”, *Anuario de Estudios Filológicos* 32. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos: 157-174.
- A. Momigliano (1993), *The development of Greek Biography*. London: Harvard University Press.
- J. M. Mossman (1992), „Plutarch, Pyrrhus and Alexander“. In: Ph. Stadter (ed.), *Plutarch and the historical tradition*. London and New York: 90-108.